

12º Congresso de Geógrafos da América Latina – EGAL

O Lugar: limites e possibilidades teórico-conceituais na análise geográfica.

Eixo 2: Respuestas teórico-metodológicas de la geografía ante las recientes espacialidades

Rosilaine Souza de Araújo da Silva

rosesaprof@yahoo.com.br

Mestranda em Ordenamento Territorial Urbano e Regional – Universidade Federal Fluminense – Niterói, RJ-Brasil. Professora da Faculdade de Filosofia e Letras de Campo Grande – FFCG.

Neste artigo faremos um esforço teórico para resgatar o conceito de lugar na ciência geográfica, seus limites e possibilidades teórico-metodológicas ao longo da evolução do pensamento geográfico. Para tanto tentaremos traçar uma discussão com autores que ao trabalhar a epistemologia, apontam elementos para re-pensarmos este conceito, que entendemos, ainda hoje precisa e merece ser melhor explorado, principalmente se tomarmos como a máxima que é no lugar que se potencializam as estratégias de sobrevivência, assim como aponta Ferreira apud Santos (1996, p. 278) “é no lugar e na esfera do vivido que se encontram as possibilidades de transformação e mudança”.

No entanto Haesbaert alerta que a obra de Carlos (1996) intitulada “*O lugar no mundo*” “é provavelmente a única publicação em livro dedicada exclusivamente a discussão do “lugar” na geografia brasileira” (2006, p. 133). Em contraponto, segundo Corrêa (2007, p.30) “o lugar passa a ser o conceito-chave mais relevante” da atualidade, pois existe uma relação indissociável entre o global e o lugar, o lugar e o global anunciando intensas transformações no espaço em escalas diferenciadas ao longo do tempo e aprofundadas no processo de globalização atual, isso ocorre, pois ao tratar do conceito de lugar na atualidade, estamos relacionando as experiências cotidianas de diferentes sujeitos populares e o sistema mundo, as grandes corporações, as questões ambientais mundiais que também se colocam como pauta do dia.

Para Milton Santos (1996, p. 338) é possível falarmos de uma “ordem global e uma ordem local”, onde “a ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única

racionalidade. E os lugares respondem ao Mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade” entendemos que o autor aponta um confronto entre essas duas “ordens”, onde uma racionalidade não-hegemônica corporificada nas classes sociais populares que lutam para construir através do trabalho a reprodução da vida (digna, justa e solidária), do outro lado, uma “ordem global” composta por atores hegemônicos que impõem um ritmo de trabalho que favorece a reprodução do capital para poucos (acumulação, consumo e competitividade), assim, o global e lugar se tornam indissociáveis, mas contraditórios, pois existe a possibilidade dos lugares se tornarem reféns dos interesses do capital ou ainda, ao se contraporem a esses interesses, criando ações que se realizam no lugar e que extrapolam suas fronteiras territoriais.

Sendo assim, a relevância deste ensaio consiste na discussão do conceito de lugar a partir de um olhar geográfico, direcionando a pesquisa para os sujeitos sociais populares, que por vezes tiveram suas histórias esquecidas, marginalizadas ou silenciadas, mas que ao lutarem cotidianamente para sua sobrevivência, nos possibilitam vislumbrar a força dos lugares e a solidariedade construída através de vínculos locais.

Trabalharemos com a perspectiva, do lugar como campo da experiência-sensível (particular e coletiva), com cuidados (tentando não romantizar e imobilizar a análise) e com um olhar crítico, entendendo o lugar como parte integrante de uma totalidade espacial fundamentada no desenvolvimento desigual, assim como propõe Carlos (1994a, p.42) “o lugar como representação espacial, definido a partir dos entrelaçamentos impostos pela divisão (espacial) do trabalho, articulado e determinado pela totalidade espacial”.

A geografia tradicional, tanto no contexto determinista como possibilista, dá ênfase a conceitos como paisagem, região e espaço, deixando de lado as discussões a cerca do conceito de lugar. De orientação teórico - metodológica positivista, utiliza a descrição, classificação e observação como possibilidades de explicação dos fenômenos.

O conceito de lugar nestas escolas aparece representando a menor unidade geográfica a ser pesquisada e equivale ao conceito de local, ou seja, a localização de uma pequena área em escala geográfica, como revela Holzer (2003, p.113): “Durante longo tempo [o lugar] foi utilizado pelos geógrafos para expressar o sentido locacional de um determinado sitio”.

Tal definição permanece, em parte, na geografia brasileira, principalmente no âmbito da geografia escolar, como nas séries iniciais do ensino fundamental onde tratamos da definição dos conceitos geográficos a partir do espaço vivido do aluno/a. Este fato se verifica em livros didáticos e dicionários, fato que causa, por vezes

confusões teóricas, como podemos verificar na abordagem do Minidicionário Saraiva (p. 2000, p. 275) em que o lugar é definido por “espaço, local, localização referente a posição ou situação geográfica”.

Acreditamos que isso se deve a concepção que perpassa o pensamento geográfico tradicional, onde o homem é visto apenas como mais um elemento no espaço, não se levando em conta a sua subjetividade, a afetividade ou identidade construídas nos diferentes locais, fatores que seriam levados em conta mas tarde, não somente em relação ao conceito de lugar, mas a outros conceitos balizadores da geografia como adverte Moraes (2007, p.41):

“O homem vai aparecer como um elemento a mais da paisagem, como um dado do lugar, como mais um fenômeno da superfície da Terra. Apesar de algumas vezes valorizado nas introduções dos estudos, no corpo do trabalho acaba reduzido a um fator, num conjunto de fatores. Daí a geografia falar sempre em população (um conceito puramente numérico) e tão pouco em sociedade”.

O Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN de 1998 já aponta as mudanças vividas pela geografia, principalmente ao levantar a importância do diálogo entre as diferentes correntes do pensamento geográfico, em detrimento da reformulação dos conceitos geográficos, a saber o espaço, a região, a paisagem, o território, o lugar, ligados aos conceitos de sociedade e natureza, priorizando as relações construídas a partir do espaço vivido, assim surgem orientações em que:

“Torna-se importante que os alunos possam perceber-se como atores na construção de paisagens e lugares; que possam compreender que essas paisagens e lugares resultam de múltiplas interações entre o trabalho social e a natureza, e que estão plenos de significados simbólicos decorrentes da afetividade nascida neles” (PCN, 1998, p. 61).

Tais mudanças não vieram isoladas no âmbito dos conhecimentos geográficos, mas refletiu uma reorientação pedagógica que influenciará a maior parte das ciências no período posterior a Ditadura Militar brasileira, como na bibliografia Freiriana apontando a impossibilidade de tratarmos “da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos” (Freire, 1987, p.

57) e chamando atenção ao longo de sua obra para a importância de se construir uma outra pedagogia que represente o oprimido, as classes populares, pois a pedagogia dominante tem refletido historicamente a pedagogia das classes dominantes.

Pelas possibilidades teóricas encontradas no Marxismo, Paulo Freire influenciou, mesmo que, por vezes, indiretamente, a construção de uma nova geografia brasileira, que passa a ser vista como uma ciência que pode servir como prática de dominação, ou prática de construção da liberdade dos sujeitos, assim como alerta Ruy Moreira

“Lacoste intitulou seu livro *A geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra*. Diríamos, alargando o significado desse enunciado, que a geografia, através do arranjo do espaço, serve para desvendar máscaras sociais. É nossa opinião que por detrás de todo arranjo espacial estão relações sociais, que nas condições históricas do presente são relações de classes” (2007, p. 62).

A partir da inclinação da geografia crítica, dialogando com os autores que entendiam a necessidade de outra pedagogia, para construção de outra educação, teremos uma redefinição da abordagem do conceito de lugar na sala de aula, pois as ações que se tecem nos lugares, ora com espaços próximos, ora distantes, ganhavam maior relevância no cenário acadêmico repercutindo no ensino, como afirma Paulo Freire (1987, p.74):

“O ponto de partida deste movimento está nos homens mesmos. Mas, como não há homens sem mundo, sem realidade, o movimento parte das relações homens-mundo. Daí que este ponto de partida esteja sempre nos homens no seu *aqui e agora* que constituem a situação em que se encontram ora imersos, ora emersos, ora inseridos”.

Desta forma, é possível encontrar em livros didáticos que sigam a orientação das discussões atuais na geografia, não conceberem mais o lugar de forma estática, representando apenas um ponto no sítio cartográfico, mas ligado as relações que se estabelecem ao longo do tempo entre os diferentes sujeitos e a realização de suas ações, como podemos observar no trecho abaixo retirado de uma coleção direcionada para o ensino fundamental:

“Pode-se dizer que o lugar é uma porção ou parte do espaço onde vivemos o nosso dia-a-dia, em interação com uma paisagem, isto é, numa relação em que nós influenciemos, ao mesmo tempo que ela exerce influência sobre nós. Nossa casa, nossa rua, nossa escola, a casa de um amigo ou parente, o bairro são exemplos de lugares com os quais criamos uma identidade, ou seja, que têm importância e significado para nós. Quando uma pessoa muda de casa, de rua, de escola ou de bairro, ela tem não só de se adaptar às diferenças da paisagem, mas também refazer significados de vínculos com a nova localização e as pessoas que dela fazem parte”. (Projeto Araribá: 2007, p. 17)

Desta forma, entendemos que o conceito de lugar não corresponde a todas as localidades, ou qualquer recorte espacial, mas como em Massey (2008, p. 191) “lugares não como pontos ou áreas em mapas, mas como integrações de espaço e tempo, como *eventualidades espaço-temporais*.”

Para desconstruir alguns elementos que permanecem na geografia atual, trataremos de dialogar com pensadores da corrente cultural - humanista e da geografia crítica para definir e possibilitar elementos para a discussão conceitual do lugar.

Na década de 1970 Yi Fu Tuan e outros autores através de uma base filosófica da fenomenologia e existencialismo, em correntes como a geografia cultural-humanista e a geografia da percepção chamam a atenção que o ser humano constrói vínculos em determinados recortes espaciais, estes vínculos são construídos ao longo do tempo no espaço, por isso estão intimamente ligados a nossa experiência, sentidos e convivência em determinadas localidades que podem ao longo do tempo se transformarem em “lugar”, levando em consideração a esfera do vivido. Vale ressaltar que tal avanço, coloca-se como contraponto a disseminação da geografia quantitativa ou teórica.

Assim a experiência construída no lugar estabelece vínculos e pertencimento para o indivíduo que construiu e foi construído no lugar, como aponta Tuan (1983, p. 206) “A sensação do tempo afeta a sensação do lugar. Na medida em que o tempo de uma criança pequena não é igual ao de um adulto, tão pouco é sua experiência de lugar”.

Seguindo a vertente aberta por esta corrente, outros autores na geografia e antropologia revisitam este conceito, como Augé que define “o lugar se completa

com a fala, a troca alusiva de algumas senhas, na convivência e intimidade cúmplice dos locutores” (1994, p. 73), ou seja, o lugar passa a aparecer a partir da relação subjetiva criada e recriada por determinados grupos no espaço e se diferenciando de local.

Tais pesquisas apontam o homem não mas como número, conteúdo demográfico ou dado para estatísticas populacionais ou, o espaço como palco onde suas atividades se desenrolam cotidianamente, e sim como sujeito, como possibilidade de transformação, como afirma Carlos (1994a, p. 24) “habitar não significa apenas um ato isolado, localizável na carta, mas uma prática”, desta forma, metamorfoseia-se a forma de compreender o homem e sua relação com o espaço.

Dentre as possibilidades teóricas de abordagem deste conceito na geografia, surge principalmente na geografia humanista a relação do sujeito e do lugar, como algo harmônico e naturalizado, existindo um “sentido do lugar”, uma “alma do lugar”, no entanto, entendemos que o lugar é percebido de forma menos intensa em alguns grupos, em outros é possível verificar sua negação, pois existe um conflito identitário na construção dos lugares.

De acordo com Carlos (1996, 24):

“A história do indivíduo é aquela que produziu o espaço e que a ela se imbrica, por isso, que ela pode ser apropriada. Mas é também uma história contraditória de poder e lutas, de resistências compostas por pequenas formas de apropriação”.

Por isso entendemos que o lugar se revela como cenário de trocas e vivências, de criação de vínculos e afetividades, de pertencimento e resistências, construção e afirmação da identidade, espaço de conflitos e arena de lutas, em que se desenrolam relações contraditórias do sujeito com o lugar, do sujeito com o outro. O lugar reflete a construção e constante afirmação/negação identitária do sujeito, a partir das relações sociais que se estabelecem numa determinada área.

Todavia, revelam-se contradições, em um fazer incessante da construção do sujeito, a partir de novos padrões e comportamentos que são apresentados/impostos como o morar no “asfalto” e o modo de vida urbano, que tentam definir um padrão do uso do espaço ligado ao status e valor do espaço como mercadoria. Neste sentido, como afirma CARLOS, “o espaço é produzido e reproduzido enquanto mercadoria reprodutível” (2002b, p. 179).

Neste sentido, ao falar na organização e reorganização espacial do lugar, valorizaremos os sujeitos que lutam e constroem o lugar e são influenciados por ele, a partir dos sentimentos, histórias e ações coletivas que permeiam seu cotidiano, construindo, (des)construindo e (re)construindo seus processos identitários. Logo, conforme Gondar (2002, p. 109), *“não há uma identidade pronta e acabada, estabelecida a priori. A identidade aparece, ao contrário, como construída, ou melhor, em constante processo de construção e reconstrução”*.

CARLOS (2002b, p.192-193) esclarece que, no lugar há uma fragmentação do sujeito que acontece através do enfraquecimento das relações sociais em seu sentido mais banal e cotidiano, o da esfera do vivido, da relação entre a vizinhança, e com o lugar. Da mesma forma, ao falar da fragmentação do espaço, aponta que, *“Com isto transforma-se, constantemente, o lugar e produz-se o estranhamento do lugar com a perda das referências (...). Acentua-se o processo de fragmentação tanto do espaço quanto do indivíduo”*.

Sabemos que as estruturas locais estão através do tempo e no espaço desintegradas e fragmentadas, tanto no que consiste à gestão do lugar, quanto à solidariedade construída através de vínculos locais. Em contrapartida, é no lugar, como já foi dito, que se potencializam as formas de resistência, criando alternativas e revelando possibilidades.

A partir da Geografia crítica a abordagem em relação ao conceito de lugar tem acontecido de vários pontos de vista, dentre as alternativas possíveis a discussão do conceito em relação ao processo de globalização contemporâneo e a relação global – local tem ganhado destaque, seja para a contestação ou afirmação da discussão, como coloca Escobar (2005, p. 133):

“as teorias sobre a globalização que produziram uma marginalização significativa do lugar, ou debates em antropologia que lançaram um radical questionamento do lugar e da criação do lugar. Entretanto, o fato é que o lugar – como experiência de uma localidade específica com algum grau de enraizamento, com conexão com a vida diária, mesmo que sua identidade seja construída e nunca fixa – continua sendo importante na vida na maioria das pessoas, talvez para todas”.

O autor chama a atenção para um discurso que anuncia o “fim dos lugares” mediante o processo de globalização, onde a circulação global do capital não só na

escala mundo de domínio dos atores hegemônicos, mas sua intensificação nos territórios nacionais dos países pobres provocando a fragmentação dos indivíduos e dos lugares. Discurso estratégico que ao marginalizar o lugar, cria obstáculos para se “pensar as realidades submetidas historicamente” (p. 137) e a contradição entre a geração de riqueza e a produção da pobreza que se manifesta na luta dos diferentes movimentos sociais populares que se organizam no lugar, pelo lugar.

Escobar alerta que (p. 137):

“O domínio do espaço sobre o lugar tem operado como dispositivo epistemológico profundo do eurocentrismo na construção da teoria social. Ao retirar a ênfase da construção cultural do lugar a serviço do processo abstrato e aparentemente universal da formação do capital e do Estado, quase toda a teoria social convencional tornou invisíveis formas subalternas de pensar e modalidades locais e regionais de configurar o mundo. Esta negação do lugar tem múltiplas conseqüências para a teoria – das teorias do imperialismo até as da resistência, do desenvolvimento, etc”.

Revela-se a partir do reconhecimento da importância da organização local e suas articulações em outras escalas, a importância de atentarmos para a redefinição de lugar, que segundo Escobar, possibilita fazer uma releitura no cenário de lutas e resistências a partir do contexto Latino-americano, suas histórias e geografias, rompendo com o olhar do “norte” representado pelo colonizador do passado, ou os exploradores do presente.

Já para Doreen Massey o lugar pode ser definido:

“Se o espaço é, sem dúvida, uma simultaneidade de histórias-até-então, lugares são, portanto, coleções destas histórias, articulações dentro das mais amplas geometrias do poder do espaço. Seu caráter será um produto dessas interseções, dentro deste cenário mais amplo, e aquilo que delas é feito. Mas também dos não-encontros, das desconexões, das relações não estabelecidas, das exclusões. Tudo isso contribui para a especificidade do lugar”. (2008, p.190)

Assim, podemos apontar que ao levarmos em conta as especificidades dos lugares, devemos considerar não só os aspectos relativos à afetividade, o

pertencimento que possibilitará a construção identitária, mas também dos conflitos e resistências que se estabelecem em encontros, mas também desencontros, de laços movidos pela solidariedade, mas por vezes pela competitividade e pelas relações de poder.

Relações políticas que ao permearem as ações construídas no lugar possibilitam enfrentamento de grupos e frações de grupos que passam a ter voz, ao se articularem em movimentos populares, ao reivindicarem condições dignas de vida, de difundirem seus conhecimentos e projetos. Segundo Ribeiro dialogando com Michel de Certeau:

“ Como tão bem proposto por Michel de Certeau (1998) existe, nos lugares, uma “arte” do fazer reproduzida em códigos lingüísticos singulares. Esta “arte” é praticada fundamentalmente, pelos mais pobres e pelos que têm sua vida associada à dinâmica diária dos lugares”. (2008, p.07).

Acreditamos que retomar o conceito de lugar na geografia possibilita reconstruir as lutas e articulações locais, os sonhos, projetos e conflitos que se trava diariamente na afirmação/negação do lugar e, ainda, é uma alternativa aos estudos geográficos que teimam em reproduzir a história dos vencedores.

Neste artigo pretendíamos explorar como o conceito de lugar foi historicamente abordado na geografia, como essa abordagem repercutiu no ensino da geografia, principalmente no ensino fundamental e, ainda, a partir de autores como Santos (1996), Carlos (1994a,1996), Escobar (2005), Massey (2008) levantar as possibilidades teóricas - metodológicas deste conceito na atualidade, entendemos que este ensaio traz alguns elementos, no entanto, deixa outros tantos escondidos.

Terminamos trazendo a letra de uma música, um samba carioca que revela algumas das dimensões e possibilidades do conceito de lugar que através deste artigo tentamos repensar, a localização, a cultura local, os processos identitários, as lutas cotidianas...

O Meu Lugar
(Arlindo Cruz)

O meu lugar
É caminho de Ogum e Iansã
Lá tem samba até de manhã
Uma ginga em cada andar

O meu lugar
É cercado de luta e suor

Esperança num mundo melhor
E cerveja pra comemorar

O meu lugar
Tem seus mitos e Seres de Luz
É bem perto de Osvaldo Cruz,
Cascadura, Vaz Lobo e Irajá

O meu lugar
É sorriso é paz e prazer
O seu nome é doce dizer
Marureiraaa, lá lá laiá, Madureiraaa, lá lá laiá

Ahhh que lugar
A saudade me faz lembrar
Os amores que eu tive por lá
É difícil esquecer

Doce lugar
Que é eterno no meu coração
E aos poetas trás inspiração
Pra tentar escrever

Ai meu lugar
Quem não viu Tia Eulália dançar
Vó Maria o terreiro benzer
E ainda tem jongo à luz do luar

Ai que lugar
Tem mil coisas pra gente dizer
O difícil é saber terminar
Marureiraaa, lá lá laiá, Madureiraaa, lá lá laiá, Madureiraaa

Em cada esquina um pagode num bar
Em Madureiraaa
Império e Portela também são de lá
Em Madureiraaa
E no Mercadão você pode comprar
Por uma pixinxá você vai levar
Um denço, um sonho pra quem quer sonhar
Em Madureiraaa
E quem se habilita até pode chegar
Tem jogo de lona, caipira e bilhar
Buraco, sueca pro tempo passar
Em Madureiraaa
E uma fezinha até posso fazer
No grupo das Elás sem ter que mirar
E nos sete lados eu vou te cercar
Em Madureiraaa

BIBLIOGRAFIA

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lucia Pereira. Campinas: Papyrus, 1994.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço um conceito Chave na Geografia. In: *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A (re) produção do espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1994a.

_____. (org). *Os Caminhos da reflexão sobre: A cidade e o Urbano*. São Paulo: USP, 1994b.

_____. *O Lugar no/do Mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____(org). *Novos Caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. O Lugar: mundialização e fragmentação. In: *O Novo Mapa do Mundo: fim de século e globalização*. São Paulo: Hucitec, 2002a.

_____. A Natureza do Espaço Fragmentado. In: *Território: Globalização e Fragmentação*. Hucitec – Anpur: São Paulo, 2002b.

_____. *A Cidade*. São Paulo: Contexto, 2003.

ESCOBAR, Arturo. O Lugar da Natureza e a Natureza do Lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? In: *Colonialidade do Saber*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONDAR, Jô. Linguagem e construção de identidades – um debate. In: *Linguagem, Identidade e Memória Social*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HAESBAERT, Rogério. Indicações: Livros e Autores. In: *Geographia*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Niterói: ano VIII, n. 16, 2006.

HOLZER, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. In: *Geographia*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Niterói: ano V, n. 10, 2003.

MASSEY, Dorren. Pelo Espaço: Uma nova política da Espacialidade. Trad. Hilda Pareto Maciel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MINIDICIONÁRIO SARAIVA. Português-espanhol. São Paulo: Saraiva, 2000.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Geografia Pequena História Crítica. São Paulo: Annablume, 21 ed., 2007.

MOREIRA, Ruy. Pensar e Ser em Geografia. Rio de Janeiro: Contexto, 2007.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. A Experiência Urbana Na América Latina. In: CLACSO Virtual. Setembro/Outubro, 2008.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PROJETO ARARIBÁ. Geografia no Ensino Fundamental. São Paulo: Editora Moderna, 2007.

SANTOS, Milton. Natureza do espaço. São Paulo: EDUF, 1996.

SILVA, Rosilaine Souza de Araújo. Identidade e Lugar na comunidade de Vilar Carioca sob o impacto do Programa Morar Legal da prefeitura do Rio de Janeiro. Niterói: Monografia de especialização no Departamento de Geografia da UFF, 2005.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar*. Tradução: Lídia de Oliveira. Difel, 1983.